



# Intercâmbio militar nas relações Brasil – África do Sul

*Hélio Fernando Rosa de Araújo\**

## RESUMO

Extrato de monografia elaborada por exigência curricular para fins de obtenção de diploma do Curso de Altos Estudos Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. O texto descreve a pesquisa documental, realizada pelo autor, visando a caracterizar a tese de que, nos estamentos militares do Brasil e da África do Sul, residem grandes possibilidades de relacionamento capazes de incrementar a interação dos dois países em outras expressões do poder nacional.

## PALAVRAS-CHAVE

África do Sul, relações bilaterais, intercâmbio militar.

**B**rasil e África do Sul ocupam, em seus respectivos continentes, posições de liderança política, econômica e social. Tal destaque é respaldado por uma estrutura militar que garante a estatura político-estratégica desses Estados.

A África sempre foi prioridade para o Brasil em sua política externa, mesmo quando os discursos oficiais não o revelavam. Seria impossível desconsiderar que a proxi-

midade geográfica, além dos laços étnico-culturais, nos impõe atribuir maior importância àquele continente.<sup>1</sup>

Ao analisar-se a história das relações entre esses dois países, desde janeiro de 1948, quando foram inauguradas, percebe-se que a política externa brasileira transitou por objetivos que se alternavam entre si, caracterizados pela busca de vantagens econômicas, pela construção de uma parceria geoes-

\* Major de Artilharia e Estado-Maior.

<sup>1</sup> A partir de 1972, por influência do Chanceler Mário Gibson Barbosa, a África passou a ser mais intensamente estudada, com o intuito de identificar novos parceiros para o Brasil. A África do Sul despontou como país de elevada prioridade para o aprofundamento de relações comerciais, inauguradas ainda no final da década de 40 do século XX. Um grande óbice, porém, surgiu com a política de segregação étnica conhecida como *apartheid*.

tratégica no Atlântico Sul e pela afirmação de valores humanistas consagrados na Carta das Nações Unidas, e na própria experiência multirracial da sociedade brasileira. Além disso, a tensão e o constrangimento caracterizaram esse relacionamento, até o início da década de 90 do século passado, quando o regime aparteísta teve fim.

O dismantelamento do regime de segregação étnica e a instauração de uma democracia não-racista na África do Sul inauguraram uma nova fase de relacionamento com o Brasil, visando à obtenção de expressivas vantagens para ambas as nações, em todas as expressões do poder.

Diversos autores, em farta literatura, atestam os benefícios dessas relações, em face das potencialidades econômico-financeiras, das afinidades étnico-culturais e dos propósitos de maior conquista de espaço político no cenário internacional dos atores em questão. É o que comprovam a professora Therezinha de Castro, em sua obra *África: Geo-história, Geopolítica e Relações Internacionais*, os professores Amado Luis Cervo, em *História da Política Exterior do Brasil*, José Flávio Sombra Saraiva, em *O Lugar da África: A Dimensão Atlântica da Política Externa Brasileira* e Paulo Cesar Souza Manduca, em *África do Sul: Muitos Nós a Desatar*, diversos especialistas em relações internacionais, na obra organizada por Samuel Pinheiro Guimarães, em *Brasil e África do Sul - Riscos e Oportunidades no Tumulto da Globalização*, além dos diplomatas Mário Vilalva e Irene Vida Gala, em *Relações Brasil-África do Sul: Quatro Décadas Rumo à Afirmação de uma Parceria Democrática*.

A maior motivação para a pesquisa, transformada em principal justificativa

pelo autor, foi a suposição da existência de um universo com largo espectro de possibilidades para o intercâmbio entre Brasil e África do Sul, na expressão militar, haja vista o nível de sofisticação tecnológica das Forças Armadas daquele país e a qualidade de sua indústria de material de emprego militar.

Ao longo de todo o trabalho de pesquisa, o objetivo foi comprovar a viabilidade dessas relações, propondo o seu incremento, a começar pela expressão militar.

O método utilizado, prioritariamente, foi a pesquisa documental. Foram pesquisadas mais de 1000 páginas de almanaques, ensaios, folhetos, livros, monografias, relatórios, resenhas e revistas especializadas. Complementarmente, foram realizadas sete entrevistas com diplomatas e oficiais das Forças Armadas brasileiras que estiveram em serviço na África do Sul, no período de 1994 - 2000, além de um oficial do Exército sul-africano.

Os resultados obtidos comprovaram a viabilidade do aumento das relações e que, particularmente no estamento militar, as negociações em torno de material de emprego militar são as questões passíveis de aprofundamento, além de cooperações em áreas como doutrina de Forças de Paz.

Verificou-se, ainda, que parte das dissonâncias sociais presentes em ambas as nações poderão ser diminuídas mediante incremento do intercâmbio em outras expressões do poder nacional, sobretudo nas áreas econômica e tecnológica.

## MATERIAL E MÉTODO

O material e o método utilizados na pesquisa em tela serão descritos a seguir.

## Material

O estudo para a pesquisa realizada teve como base, além das fontes relacionadas, ao final do artigo, como Referências Bibliográficas, os seguintes documentos:

- *Almanaque Abril 2002*, da editora Abril;

- ensaio *Relações Brasil - África do Sul: Quatro Décadas Rumo à Afirmação de uma Parceria Democrática*, editado pela Universidade de Brasília e de autoria dos diplomatas Mário Vilalva e Irene Vida Gala;

- entrevistas: com os diplomatas Irene Vida Gala e Cláudio Pollis, da Divisão da África II, do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, em dezembro de 2001; com o Coronel Haroldo Assad Carneiro, primeiro oficial do Exército Brasileiro a realizar o Curso de Altos Estudos Militares (CAEM) na África do Sul, em dezembro de 2001; com outros dois oficiais que também realizaram o CAEM naquela nação amiga, o Coronel Martim Bezerra de Moraes, da Força Aérea Brasileira, em maio de 2002 e o Tenente-Coronel Lauro Luis Pires da Silva, em dezembro de 2001; com o Coronel Milton Ferraz Hennemann, adido do Exército e Aeronáutico junto à Embaixada do Brasil em Pretória até março de 2000, também em dezembro de 2001; com o Tenente-Coronel Koos Malooi, Adido das Forças Armadas junto à Embaixada da República da África do Sul em Brasília, ainda em dezembro de 2001, e com o Major Chamon Malizia De Lamare, oficial que realizou o Curso de Inteligência Militar no Exército da África do Sul, em maio de 2002;

- livro *África: Geo-história, Geopolítica e Relações Internacionais*, editado pela

Biblioteca do Exército e de autoria da professora Therezinha de Castro;

- ofício com a análise das relações políticas e econômicas com a África do Sul, 1965, Itamaraty;

- texto das palestras *A Inserção da Marinha no Cenário Brasileiro Atual*, ministrada na Escola de Guerra Naval pelo Almirante Mário Cesar Flores;

- *Resenha de Política Externa 1966*, editada pelo Ministério das Relações Exteriores.

## Método

O método mais adequado para esse tipo de trabalho pareceu, ao autor, ser a pesquisa documental, haja vista a grande quantidade de fontes disponíveis, complementada por entrevistas que permitiram quebrar a aridez da literatura formal.

A pesquisa nos livros de história e de relações internacionais, além dos relatórios expedidos pelo MRE, permitiu desenvolver idéias sobre as possibilidades das relações bilaterais nas expressões políticas, econômicas e científico-tecnológicas.

Os relatórios do Estado-Maior do Exército Brasileiro e do Ministério da Defesa embasaram as principais idéias e conclusões relacionadas com a expressão militar, fulcro da pesquisa.

As entrevistas visaram a agregar experiências úteis de quem é autóctone ou prestou serviços ao Brasil naquele país africano.

Com os diplomatas, buscou-se obter uma visão geral do relacionamento entre os dois Estados, destacando suas principais premissas. Com os oficiais que realizaram cursos na África do Sul e desempenharam missões ligadas à *diplomacia militar*, obteve-se a descrição da realidade militar

sul-africana, e foram ouvidas as opiniões sobre as perspectivas de incremento de ligações nesse setor. Com o oficial que atualmente é Adido das Forças Armadas sul-africanas no Brasil, foram obtidas informações sobre a capacidade da indústria de material de emprego militar de seu país e suas intenções de comércio com o Brasil, tendo sido possível constatar a possibilidade de entendimentos nessa área.

### RESULTADOS

Da aplicação metodológica descrita chegou-se aos resultados que serão a seguir apresentados.

#### Na expressão política

As relações do Brasil com a África do Sul, no campo político, estão em ascensão, se considerada a fase pós-aparteísta. A consecução dos objetivos de cada governo, em todas as expressões do poder, dependerá da consistência das ligações políticas desses atores, como sempre moldadas pelos interesses.

Em função disso, foi possível constatar os principais interesses políticos brasileiros nas relações com a África do Sul:

- obtenção de apoio sul-africano para a conquista brasileira de assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Entende-se que a opinião da África do Sul, pelo continente africano, tenha peso específico, dadas as condições relativas de desenvolvimento econômico já alcançadas por essa nação;

- cooperação e trocas de informações na implementação de políticas de ação afirmativa para o serviço público que, na

África do Sul, está vigorando desde abril de 1998, visando a permitir o maior ingresso de minorias étnicas e de portadores de deficiências físicas nos diversos setores do serviço público; e

- aumento da influência brasileira sobre as nações da África Meridional, atendendo às metas da política externa brasileira para esses países, por meio da consolidação das relações políticas com a África do Sul.

Mesmo que as ligações com o Brasil não recebam a mais alta prioridade, é possível notar o interesse sul-africano nessa aproximação, visando a criar o lastro político necessário para o aprofundamento das relações em outras áreas.

#### Na expressão econômica

A economia sul-africana apresenta índices que são altamente atraentes ao mercado brasileiro. É a maior e mais avançada economia do continente africano, com um Produto Interno Bruto (PIB) quatro vezes maior que o do Egito, seu concorrente mais próximo no continente.

Daí poderão surgir os interesses brasileiros nesse relacionamento, assim expostos:

- estabelecimento de uma política de exportação para a África do Sul, com base nas necessidades mais expressivas da pauta de importação daquele país - máquinas e equipamentos, peças para automóveis, caminhões e ônibus, óleo cru, vestuário e produtos têxteis;

- otimização da possível inserção sul-africana no bloco econômico do MERCOSUL, visando a acelerar o fortalecimento desse bloco e sua plena integração com os outros países componentes da Comu-

nidade da África Meridional para o Desenvolvimento (SADC), o que, invariavelmente, conduzirá à formação da Zona de Livre Comércio do Atlântico Sul (ZOLCAS);

- estímulo à expansão das bem sucedidas relações comerciais da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) com os setores interessados sul-africanos; e

- estudo das possibilidades de comércio de material de emprego militar produzido pela indústria sul-africana.

### Na expressão científico-tecnológica

Nessa expressão, puderam ser identificados, como óbices mais expressivos: a falta de entendimento mútuo entre as duas comunidades de C&T, a demora na implementação e na ratificação legislativa de acordos bilaterais e de arranjos institucionais e a barreira lingüística.

As trocas tecnológicas, entretanto, parecem possíveis, especialmente nas seguintes áreas: saúde, meio ambiente, agricultura, mineração e indústria manufatureira. Há possibilidades também de cooperação em outras áreas como nos setores aeroespacial, de transportes, de energia, de educação, de telecomunicações e de defesa - este último de capital importância para o Brasil, por se encontrarem num parceiro comercial, detentor de similar porte econômico, meios fabris militares de excelente qualidade, que poderão permitir a manutenção de um ponderável nível de atualização tecnológica na expressão militar brasileira, incluindo-se aí o projeto de construção do primeiro submarino nuclear do Brasil.

A África do Sul interessa-se pelas atividades de produção de aviões de transporte

regional (exatamente os fabricados pela Empresa Brasileira de Aeronáutica - Embraer), de transportes coletivos (ônibus fabricados pela Marcopolo) e geração de energia, sendo próspera em telecomunicações.

Há dois Acordos de Cooperação Técnica, Científica e Tecnológica firmados entre Brasil e África do Sul, um deles aguardando a ratificação do legislativo brasileiro.

### Na expressão militar

Da análise da literatura específica, no que tange à expressão militar, foi possível concluir que podem constituir interesses militares brasileiros em relação à África do Sul os seguintes aspectos:

- a atual estrutura do Ministério da Defesa sul-africano, visando ao aperfeiçoamento do modelo brasileiro, principalmente no estabelecimento objetivo de uma Política de Defesa Nacional e na implementação de uma mentalidade de trabalho operacional conjunto nas Forças Armadas brasileiras;

- o estreitamento nas ligações na área industrial de material de emprego militar, uma vez que a produção bélica na África do Sul tem sido bastante satisfatória. Nesse quesito, seriam do específico interesse do Brasil: os blindados (*Ratel e Rooikat*), de tração 8x8, para a Infantaria, acompanhados de mísseis antiaéreos; os helicópteros de transporte de pessoal, do tipo *He Oryx* - modelo modificado do AS 330 *Puma* -, ampliando a capacidade de transporte dos atuais meios aéreos do Exército Brasileiro; os materiais de guerra eletrônica, mais baratos se comparados aos adquiridos em Israel; os *softwares* dos exercícios de simulação de combate utilizados

no *Army College*, durante o *Senior Command and Staff Course*, que são de excelente qualidade e foram desenvolvidos em parceria com a Austrália; o obuseiro de 155mm autopropulsado (G-6), que em face de sua extraordinária mobilidade sobre rodas e avantajada capacidade de alongar as trajetórias – com munição assistida é possível atingir-se distâncias que variam de 45 a 56 km –, adquire importância estratégica no emprego da Artilharia; e a participação conjunta em projetos de adaptação de torres de blindados sul-africanos em cascos de blindados brasileiros, por meio da modalidade *joint venture*;

– o estabelecimento de intercâmbios nas áreas de Inteligência, forças especiais, operações em ambiente de selva, pára-queda militar e operações de forças de paz; o fortalecimento e a manutenção do acordo da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul; e

– intercâmbios mais frequentes nos cursos nível aperfeiçoamento e estado-maior, mediante rodízio entre elementos das Forças Armadas brasileiras, sugerindo-se a mesma modalidade à África do Sul.

## DISCUSSÃO

As estruturas básicas dos órgãos e instituições que exercem a política interna e externa na África do Sul não mudaram significativamente da época do *apartheid* para o *pós-apartheid*. Todavia, a mudança de comportamento vem permitindo o tratamento igual para todos, diminuindo os níveis de tensão social, tão comuns no país antes de 1994.

A figura de Nelson Mandela continua sendo o melhor veículo de diploma-

cia à disposição da África do Sul, alicerçado por um profundo conhecimento da vida política do país, em face de ter, ele mesmo, ocupado a mais alta magistratura da República, até 1999.

Na área internacional, a África do Sul tem mantido excelente relacionamento com os países vizinhos e com os mais distantes. Tal nível de ligação, referendado em promissora estabilidade política, tem-na mantido em posição de destaque e de liderança na África Sub-Saariana, particularmente na África Austral.

A agenda política entre os dois países deve incluir, também, a discussão sobre o meio ambiente. A biodiversidade surge, no momento, como tema de maior expressão e de grande repercussão internacional, também entre Brasil e África do Sul. A Conferência da Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, denominada Rio + 10, realizada em *Johannesburg*, de 26 de agosto a 4 de setembro de 2002, foi mais uma oportunidade para brasileiros e sul-africanos, no concerto de outras nações, evidenciarem a capacidade de participar da discussão e discutir os grandes temas de interesse da humanidade, propondo, e também encontrando, soluções para os seus principais problemas.

As deficiências energéticas sul-africanas, mormente o petróleo, podem ser atenuadas com o emprego da tecnologia brasileira, de domínio da empresa exploradora do petróleo, a Petrobrás, abrindo grande possibilidade de geração de divisas para o Brasil.

O atual estágio do setor fabril militar, dadas as condições de suporte econômico e tecnológico do país, permite que as Forças Armadas, particularmente o

Exército e a Força Aérea, mantenham-se com bons equipamentos e em grande superioridade em relação a toda a África Austral. Há sobras fabris passíveis de serem negociadas.

O posicionamento geográfico sul-africano, sua farta infra-estrutura portuária, os adequados sistemas de comunicação e de transportes, valorizados por excelentes vias de ligação terrestre, destacam esse país como porta de entrada para a região do sudeste africano, garantindo eficiente distribuição dos produtos importados para os maiores centros urbanos da área.

Garantir os diversos interesses econômicos do Brasil nessa parte do continente africano é vital para a pretendida projeção internacional brasileira e indispensável para que a África do Sul possa encontrar o caminho de normalidade social pelo qual o seu povo tanto anseia.

A abrangência das possibilidades de estreitamento de laços entre o Brasil e a África do Sul, no que concerne à C&T, faz antever que os benefícios da efetivação dessas relações estender-se-ão a outros setores dessas nações, podendo, inclusive, oferecer soluções úteis ao problema crônico do desemprego em ambos os países, cooperando para a redução da pobreza e da desigualdade social e para a prevenção da criminalidade.

Se, futuramente, o Brasil elencar o domínio da energia nuclear como uma das prioridades nacionais, poderá dispor de efetivo apoio da África do Sul que, desde 1948, domina essa forma de energia, muito embora tenha desativado seu programa em 1996. A desativação, ressalvada melhor visão, não significa perda de domínio da tecnologia, que poderá ser útil,

inclusive, na conclusão dos trabalhos do submarino nuclear da Marinha do Brasil. O diálogo, nesse sentido, mostra-se impositivo, porque implica a defesa, a segurança e a manutenção do Atlântico-Sul, temas dos quais Brasil e África do Sul não podem-se furtar.

O elevado nível tecnológico, adquirido nos últimos trinta anos, tem garantido às Forças Armadas sul-africanas a segurança necessária à manutenção de um bom nível operacional e credencia a sua indústria de material de emprego militar a buscar expandir seus negócios, podendo encontrar no Brasil parceiro certo nesse mercado.

O adestramento militar sul-africano, por causa de restrições orçamentárias, tem sido bastante reduzido, surgindo assim oportunidade para a adoção de métodos mais econômicos, usando meios tecnológicos adequados para o preparo e o emprego militar. Nesse contexto, poderia haver benefício para as Forças Armadas do Brasil que, ao enfrentarem os mesmos problemas, valer-se-iam das opções tecnológicas em uso nas Forças de Defesa Nacionais da África do Sul, como alternativas à falta de adestramento.

Em virtude de sua posição e postura estratégica no contexto da África, particularmente na região Austral, a África do Sul está-se voltando para o treinamento e o emprego de suas Forças de Defesa para missões de paz, tanto do tipo manutenção quanto imposição. Surge, então, excelente oportunidade para a cooperação militar brasileira que, em face dos sucessos obtidos em missões dessa natureza, vem aumentando seu prestígio e servindo de referência às Forças de outros países, inclusive a África do Sul.



A Política de Defesa Nacional (PDN), no que concerne ao poder naval brasileiro, muito bem caracteriza a condição de a Marinha ser a Força Singular em melhores condições de apresentar-se como instrumento de política externa brasileira. Se convenientemente empregada, será capaz de influenciar a opinião pública e as elites dirigentes dos países-alvo, reforçando laços de amizade, garantindo acordos e alianças, persuadindo a adoção de ações favoráveis e dissuadindo as desfavoráveis. Depreende-se disso a importância da manutenção do exercício conjunto das marinhas brasileira, argentina, uruguaia e sul-africana, denominado ATLASUR, realizado a cada dois anos em águas do Atlântico Sul.

No tocante à indústria bélica, não se vislumbra a possibilidade de a Marinha do Brasil manifestar interesse momentâneo por artigos produzidos pela África do Sul, em face da existência de significativas restrições nos próprios meios navais sul-africanos e da inexistência de oferta fabril disponível nesse setor.

Quanto ao Exército Brasileiro, as possibilidades de entrosamento são bastante expressivas, porém com menor caráter estratégico, se comparadas com as da Marinha do Brasil. Estariam restritas, portanto, aos intercâmbios nas diversas atividades (material de emprego militar, inteligência militar, tropas especializadas, cursos, forças de paz e simulação de combate).

A Força Aérea Brasileira, ao que parece, não identifica interesses que a atraiam, na atualidade, no sentido de estabelecer vínculos formais com a indústria bélica sul-africana, notadamente no momento em que busca diminuir o hiato tecnológico de

seus meios, negociando com outras nações. Por outro lado, os intercâmbios de cursos e processos operacionais são de seu interesse, visto que oficiais superiores são designados para o curso de estado-maior naquele país, em revezamento com oficiais do exército brasileiro.

O intercâmbio industrial entre Brasil e África do Sul precisará superar a existência de *amarras* internacionais que inviabilizam a livre comercialização entre as nações, conforme os seus interesses. Isso porque não haverá, seguramente, condições de o Brasil adquirir helicópteros sul-africanos, sem criar problemas com a França ou com os Estados Unidos. Não seria possível pensar na aquisição dos obuseiros G5 ou G6, sem atrito com a Inglaterra, por exemplo. O que isso representaria diante dos Estados Unidos da América, que vendem seus produtos bélicos estabelecendo, antecipadamente, as condições em que os compradores ou arrendatários irão utilizá-los, poderia ser tema de discussão inclusive no meio diplomático.

O Estado brasileiro necessita desenvolver capacidade de negociar e obter vitória nessas questões, por significar exercício autônomo de soberania. Na implementação de medidas de defesa para a segurança, a qualificação da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, como área de cooperação, não lhe tem permitido deliberar sobre assuntos de defesa. Entretanto, a inserção no texto legal da coordenação política permite-lhe dar encaminhamento ao desenvolvimento legítimo de aproximações e exercícios conjuntos militares entre as forças armadas da região, visando a promover a capacitação individual dos Estados, tanto para sua própria



defesa, como para a ação coletiva, respeitando compromissos internacionais. Do lado brasileiro seria desejável o patrulhamento conjunto do mar, para resguardar interesses comuns.

O trânsito de navios de guerra norte-americanos equipados com armas nucleares, de submarinos de várias potências e de navios comerciais carregados com plutônio, como observado em 1984 e 1992, constitui exemplo de situações objetivas que atenderiam ao enquadramento cooperativo na Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, se dotada de meios militares para a garantia dos interesses dos Estados signatários.

## CONCLUSÃO

Nosso propósito foi mostrar que, por meio da aproximação dos estamentos militares, seria bastante facilitada a efetivação das relações bilaterais do Brasil com a África do Sul, uma vez que interesses nessa área geralmente abrem portas às negociações em outras expressões do poder nacional, como a política, a econômica e a científico-tecnológica.

Constatou-se, fruto da investigação, que o universo de possibilidades de relacionamento militar entre os dois países é expressivo, não sendo, todavia, extremamente vasto como se supunha a princípio. Ainda assim, justifica-se um aprofundamento nessas relações, em vista dos benefícios logísticos e operacionais para as respectivas Forças Armadas.

As estruturas militares do Brasil e da África do Sul complementam-se e são compatíveis com a estatura político-estratégica e com os níveis de ameaça vivi-

dos por cada um desses parceiros. Há, entretanto, a necessidade do desenvolvimento e da manutenção de uma mentalidade de integração na aplicação de seus meios militares, visando a alcançar os objetivos de proteção e de garantia da soberania no Atlântico Sul. Para tanto, às Marinhas de ambos os países caberia relevante e fundamental papel nesse processo, por serem as forças que melhor projetam poder.

Haveria enormes vantagens para o Brasil se fossem aproveitadas as inovações tecnológicas da indústria de material bélico sul-africana. Seria a oportunidade de se injetarem meios de tecnologia avançada, notadamente na Força Terrestre brasileira, eliminando-se os hiatos tecnológicos existentes, a custos extremamente compensadores.

O Acordo Geral de Defesa, ora em elaboração no Ministério da Defesa do Brasil por solicitação sul-africana, é, acima de tudo, o melhor argumento que se pode apresentar para comprovar a viabilidade dessas relações bilaterais e o interesse dos Estados - Brasil e República da África do Sul - em tornarem plenas essas ligações.

Influenciado pelo fenômeno da globalização, o mundo atual está a exigir parcerias não só na expressão econômica do poder nacional. A tendência é de se buscar integração também em outras expressões do poder nacional, como a militar por exemplo, conforme pretende a Europa, para dias futuros.

Ao Brasil estará assegurada a condição de *major player*, se assim o desejar, no trato dessas questões de política externa com a África do Sul, em vista da vocação brasileira no campo das relações internacionais. ●

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AGUIAR, Ricardo Martins Duarte de. *Áreas de tensão e de cooperação internacionais existentes ou potenciais de interesse do Brasil*. 1993. 101 f. Monografia (Curso de Altos Estudos Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1993.
- ALBUQUERQUE, Siegfried Stading de. *Áreas de tensão e de cooperação internacionais existentes ou potenciais de interesse do Brasil*. 1993. 53 f. Monografia (Curso de Altos Estudos Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1993.
- ANDRADE, Virgílio Moretzsohn de. *África, com ênfase nos países de língua portuguesa e Nigéria, Namíbia e África do Sul*. *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 29, p. 9-31, Dez.1994.
- BADENHORST, Gerhardus Johannes Matthys. *A indústria de materiais de emprego militar na África do Sul* 1997. 25 f. Monografia (Curso de Altos Estudos Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1997.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Ofício de análise das relações políticas e econômicas com a África do Sul* Brasília, DF, 1965.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Relatório de política externa*. Brasília, DF, 1966.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Resenha de política externa*. Brasília, DF, nº 22, Jul./Ago./Set. 1984.
- CERVO, Amado Luiz; Bueno, C. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. *Relatório de informações doutrinárias do exterior*. Brasília, DF, 2000.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *Brasil. África do Sul - riscos e oportunidades no tumulto da globalização*. Rio De Janeiro: CNPq E IPRI, 1996.
- MANDUCA, Paulo César Souza. *África do Sul: muitos nós a desatar*. *Premissas*, Brasília, DF, nº 12, p. 79-117, Abr. 1996.
- MARTINS, Carlos Estevan. *A evolução da política externa brasileira na década de 64/74*. Rio de Janeiro: Cebrap, 1975.
- PEREIRA, José Maria Nunes. *O Apartheid e as relações – África do Sul*. [s.l.:s.n], 1984. Conferência de Estudos Afro-Asiáticos.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira (de 1946 a nossos dias)*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1996.
- VILALVA, Mário. *A política externa da África do Sul: do isolamento à conveniência. Reflexões sobre as relações com o Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1993.

**BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA – Coleção General Benício**



**A Compreensão da Unidade do Brasil**

J. B. Magalhães

O livro trata da problemática da fragmentação da América espanhola e da unidade da portuguesa quando da sua independência. Analisa fatores como a questão geográfica e de administração (a portuguesa mais descentralizada). A formação militar da América portuguesa diante da necessidade de defesa gerou o aparecimento de elementos militares com treinamento específico e o agrupamento dos que tendiam para separação.